T2.QXD 10/5/13 15:05 Página 327

Índice

No Outono	7
A Princesa	15
Ladrões	30
Os vizinhos	49
Volódia Grande e Volódia Pequeno	72
O Monge Negro	87
No Reino das Mulheres	124
O Violino de Rothschild	171
Os Mujiques	183
O Petchenegue	221
O Ninho Materno	233
Na Carroça	248
Sobre o Amor	258
Solar Novo	270
Por Razões de Serviço	287
O Prelado	306

T1.QXD 10/5/13 14:59 Página 7

NO OUTONO

Anoitecia.

Na taberna do tio Tíkhon estava um grupo de cocheiros e peregrinos. Escorraçara-os para dentro da taberna a chuvada outonal e o furioso vento molhado que fustigava as caras como um chicote. Os viajantes encharcados e extenuados sentavam-se nos bancos corridos ao longo das paredes e, ao som da ventania, dormitavam. Pintava-se em todas as caras o enfado. Um dos cocheiros, rapaz de cara bexigosa e arranhada, tinha sobre os joelhos uma concertina molhada: tocou, tocou, e parou.

Por sobre a porta, à volta da lanterna baça, ensebada, rodopiavam salpicos de chuva. O vento uivava como um lobo, gania e, pelos vistos, tentava arrancar dos gonzos a porta da taberna. Do terreiro chegava o bufar dos cavalos e o chapinhar na lama. Estava húmido e frio.

Por trás do balcão sentava-se o próprio tio Tíkhon, um mujique alto, carrancudo, com uns olhinhos sonolentos e balofos. Diante dele, do lado de cá do balcão, estava um homem dos seus quarenta anos, vestido de sujo com tudo o que há de mais barato, mas à maneira dos intelectuais. Trazia um sobretudo de Verão amarrotado e enlameado, calças de algodão estampado e galochas de borracha. Calçadas sem meias. Tremiam-lhe como de sezões a cabeça e as mãos metidas nos bolsos e os cotovelos

T1.QXD 10/5/13 14:59 Página 8

magros, aguçados. De vez em quando uma convulsão ligeira percorria-lhe todo o corpo magro, desde o rosto terrivelmente macilento até às galochas de borracha.

— Deita-me um, por amor de Deus! — pedia a Tíkhon num tenor quebrado, rangente. — Um copinho só... esse pequenino. A crédito, eu depois pago!

— Esquece... O que há mais por aqui são tipos como tu, uns bandalhos!

O bandalho olhava para Tíkhon com desprezo, com ódio. Se pudesse, matava-o!

— Tenta perceber, seu estúpido ignorante! Não sou eu quem pede, são as minhas entranhas que pedem, como se diz na tua linguagem de mujique! Vê lá se fazes por perceber!

— Não temos cá nada que perceber... Desanda daqui...

— Se eu não beber agora, nota bem, se eu não satisfizer a minha paixão, posso cometer um crime! Só Deus sabe o que eu posso fazer! Tu, vilão, já viste na tua vida taberneira muita gente bêbada: será que, até hoje, ainda não percebeste que gente é essa? São doentes! Acorrenta, espanca, esfaqueia essa gente, mas dá-lhe vodka! Está bem, eu peço-te, encarecidamente! Faz-me o favor! Humilho-me... Santo Deus, o que eu me humilho!

O bandalho moveu a cabeça e cuspiu devagar.

— Venha o dinheiro, então haverá vodka! — disse Tíkhon.

— Onde é que eu arranjo o dinheiro? Gastei tudo na bebedeira! Tudo até às últimas! Só me resta o sobretudo. Não to posso dar, por baixo estou em tronco nu... Queres o chapéu?

O bandalho estendeu a Tíkhon o seu chapelinho de pano grosso donde assomava nalguns sítios o forro de algodão. Tíkhon pegou no chapéu, examinou-o e abanou negativamente a cabeça.

— Nem dado... — disse. — Lixo...

— Não gostas? Se não gostas, então dá-me fiado. No caminho de volta da cidade pago-te os cinco copeques. E que te engasgues depois com a moedinha! Engasga-te!

T1.QXD 10/5/13 14:59 Página 9

— Estás a ver o malandro que tu és? Que espécie de homem és tu? O que vieste cá cheirar?

— Quero um copo. Eu não, quem quer é a minha doença! Vê se compreendes!

— Por que me incomodas, hã? Sois muitos os bandalhos por esse caminho fora! Vai, vai pedir a esses cristãos que te dêem alguma coisinha por amor de Deus, se quiserem, que eu, por amor de Deus, só dou um bocado de pão. Velhaco!

— Chupa-lhes tu o sangue, aos pobres, que eu... nem penses! Não serei eu quem os vai depenar! Eu, não!

O bandalho interrompeu de repente o seu discurso, ficou muito vermelho e dirigiu-se aos peregrinos:

— Aliás, a ideia é boa, cristãos! Quem me pode doar cinco copeques? São as minhas entranhas que pedem! Estou doente!

— Bebe água — o rapaz da cara bexigosa soltou uma risada.

O bandalho sentiu vergonha. Tossiu e calou-se. Um minuto depois já andava à volta de Tíkhon a implorar. Por fim desatou a chorar e já propunha o sobretudo encharcado por um copinho de vodka. Na escuridão não se lhe viam as lágrimas e ninguém aceitou o sobretudo, já que estavam na taberna peregrinas que não quiseram ver a nudez do homem.

— Que faço agora? — perguntou o bandalho numa voz desesperada. — O quê? Tenho de beber um copo sem falta. Senão cometo um crime ou suicido-me... O que faço agora?

Deu uns passos pela taberna.

Ouviam-se os guizos de um carro da posta a aproximar-se. O carteiro, todo molhado, entrou, emborcou um de vodka e saiu. O carro da posta seguiu o seu caminho.

— Dou-te uma coisa de ouro — dirigiu-se o bandalho a Tíkhon, ficando de repente pálido como um lençol. — Dou-te isto, pronto. Seja... Bem sei que é ignóbil, que é nojento da minha parte, mas toma... É uma ignomínia que eu faço, mas privado das minhas capacidades mentais... Até o tribunal me absolve-

T1.QXD 10/5/13 14:59 Página 10

ria... Toma lá isto, mas com uma condição: depois devolves-mo, quando eu voltar. Entrego-to na presença de testemunhas...

O bandalho meteu a mão molhada ao seio e tirou um pequeno medalhão de ouro. Abriu-o e relanceou os olhos pelo retrato.

— Devia tirar daqui o retrato, mas não tenho onde guardá-lo, estou todo encharcado. Pronto, rouba-mo assim com o retrato, c'os diabos. Mas com uma condição... Meu caro, meu querido... peço-te... Não toques neste rosto com os teus dedos... Imploro-te, querido! Perdoa-me a grosseria, fui mal educado... Sou um estúpido... Não lhe toques com os dedos nem olhes para este rosto...

Tíkhon pegou no medalhão, olhou para a marca de contraste e meteu-o ao bolso.

— Às tantas, relógio roubado — disse, enchendo o copo. — Está bem... Bebe...

O alcoólatra pegou no copo, fitou-o com um brilho nos olhos, na medida em que uns olhos turvos de bêbado podiam brilhar, e bebeu... bebeu sentidamente, num compasso espasmódico. Agora, que tinha pago a bebida com o medalhão, baixou os olhos envergonhados e afastou-se para um canto. Instalou-se no banco ao lado de uma peregrina, encolheu-se, fechou os olhos.

Passou meia hora, em silêncio. Só a bulha do vento na chaminé, cantarolando a sua rapsódia outonal. As peregrinas começaram a rezar a Deus e a acomodar-se debaixo dos bancos para dormir, vagarosas. Tíkhon abriu o medalhão e não tirava os olhos da cabecita de mulher que, da sua moldurazinha dourada, sorria para a taberna, para Tíkhon, para as garrafas.

No pátio rangeu uma carroça. Ouviu-se um «xó-ó-ó!» e alguém a chapinhar na lama... Pela taberna irrompeu um mujique baixote de samarrão comprido e barba aguçada. Vinha encharcado e sujo.

— Enche aí! — gritou, batendo com a moeda no balcão. — Sai um «madeira», do legítimo! Enche!

E, rodando num pé com galhardia, virou-se e encarou toda a assembleia.

T1.QXD 10/5/13 14:59 Página 11

— Derretidinhos como açucre, meus lindos, meus pategos! Acagaçados c'oa chuva, seus bebedolas! Que mimosinhos! E este, que melro é este?

O mujique pequenote deu um salto na direcção do bandalho e espreitou-lhe para a cara.

— Esta agora! O meu amo! — disse. — Semion Serguéitch! O patrão! Então? Por que raio passa o tempo aqui na taberna? Então isto é lugar para si? Eh, eh... mártir desgraçado!

O amo olhou para o mujique e tapou a cara com a manga. O pequenote suspirou, abanou a cabeça, abanou as mãos com desespero e foi ao balcão beber a vodka.

— É o nosso amo — cochichou a Tíkhon, apontando com a cabeça para o bandalho. — O nosso patrão Semion Serguéitch. Estás a vê-lo? No que as pessoas se tornam! Hã? Isso mesmo... até que ponto a bebedeira...

O pequenote esvaziou o copo, limpou a boca à manga e continuou:

— Sou da aldeia dele. Quatrocentas verstás daqui, Akhtílovka... Éramos servos do pai dele... Que pena, amigo! Que pena! Era um patrão tão bom... Olha ali aquele cavalito, no pátio! Estás a vê-lo? Oferta dele! Hã, hã! Que sina malvada!

Dez minutos depois já estavam sentados à volta do mujique os cocheiros e os peregrinos. Numa voz de tenor baixinha e nervosa, ao som do rumor do Outono, contou-lhes a história. Semion Serguéitch continuava no seu canto, com os olhos fechados, a resmonear. Também ouvia.

— Aquilo sucedeu tudo por fraqueza de espírito — contava o mujique, remexido, gesticulante. — Por fartura... Era um patrão rico, de alto lá com ele em toda a província, pois claro... Comes e bebes: à discrição! Assisti com os meus próprios olhos... Tantas vezes o homem passava aí de caleche à beira desta mesma taberna. Se era rico... Lembro-me, há-de haver uns cinco anos, atravessou o rio na balsa de Mikíchkino e, quais cinco copeques, pega lá um rublo... A ruína dele começou por uma coisa